Numero 204 — Domingo 10 de Janeiro de 1886 — 3.º Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 1$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1$125 RS., SEMESTRE (25 NUM570EROS) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 1$500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

A QUESTÃO ECONOMICA

Como sempre, com o discurso da corôa voltaram á baila os negocios da fazenda. Sua magestade el-rei, ou para melhor dizer, o ministerio regenerador poz d'esta vez um especial cuidado em tocar de leve nos assumptos politicos, para concentrar as attencões no estado da fazenda publica. Nos outros annos, ainda no anno passado, tudo eram felicidades no melhor dos mundos possiveis; o desequilibrio orçamental não era assustador, o deficit estava quasi a extinguir-se, a elasticidade do credito era de natureza a esperar que em breve subissemos a um esplendor nunca previsto nem sonhado. Este anno, ficaram as lôas no tinteiro e em volta do desalinhavado discurso da corôa pairam umas desconfianças salientes e manifestas sobre o estado economico do paiz.

Se fosse com sinceridade que o governo chamasse as attenções do publico para a grave questão economica, e sincera a sua promessa de a estudar com patriotismo e isenção, era uma sinceridade de louvar, não obstante ser incommoda á facil propaganda dos principios que defendemos. Entretanto não duvidariamos louva-l'a, ganhando com ella os interesses do paiz, e collocando nós os interesses nacionaes acima de todos os interesses de partido.

De facto, a mais importante e momentosa de todas as questões portuguezas n'este instante, com a liberdade relativa que disfructâmos, sem jugo de ferro que nos leve a pensar antes de tudo no que ha de mais grave para o homem, a independencia propria, é a questão da fazenda. Assim como o individuo se sente o ludibrio de todos e presa de quantas humilhações lhe querem impôr, quando não tem desafogada a sua vida economica, assim não ha actividade, nem progresso, nem desenvolvimento possivel para um povo, quando se vê sobrecarregado de dividas, cheio de impostos e com um desequilibrio assustador, que para cumulo de afflicções cada vez augmenta mais, entre a receita e a despeza como succede a Portugal. Onde ha de ir isto parar no crescendo medonho em que o vemos? A um desastre completo, que no particular se chama a quebra fraudulenta com cadeia e sem vintem, e nas collectividades nacionaes a revolução com as suas consequencias de irritações justissimas e desordens naturaes. Se a monarchia tinha um meio de demorar a sua queda, sendo todas as reformas politicas que nos possa dar incompativeis, como são, com o espirito do seculo, por isso mesmo mais a apressa e completa com os esbanjamentos, os desatinos e os roubos que nos pozeram à beira do abysmo e para lá nos hão de arremessar de todo.

Seria de louvar a sinceridade do governo, se tal sinceridade fosse admissivel nos cynicos e devassos que estão para ahi à frente dos destinos do paiz. Mas como acreditar na serodia contricção dos que nunca se importaram com honra, nem com vida, nem fazenda da terra em que nasceram? Arrependimento tardio, mesmo que se désse, arrependimento que só requeria a phrase celebre—*après la mort le médecin*. Mas não; não é arrependimento, não é sinceridade, não é cousa alguma com vislumbres de pudor; é a continuação da comedia torpe e baixa, de segundo imperio, a que vimos assistindo ha tantos annos. E' uma das artes de furtar, um appello ao sentimentalismo do paiz, um *tour de force* de gatuno, um alçapão que se prepara. Quem nos falla em melhorar o nosso estado economico? Quem ainda hontem lançou mão do imposto e recorreu ao credito para levar a anarchia ao seio da administração, para desorganisar o exercito, definhar a marinha, comprar adversarios, tudo corromper e degradar. Quem são os Messias que se esperam? Os que trocaram a missão honrosa de escriptores e jornalistas pela de syndicateiros de alta banca e directores bem remunerados de caminhos de ferro e outras companhias poderosas. Esperemos então resignados o unico termo possivel a tantos crimes, o fecho de todos os cyclos de devassidão como este que atravessa a sociedade portugueza, a revolução das ruas desordenada ou a revolução pouco democratica da caserna. Não ha outra sahida, se essa mesma não for logo tapada.

AS COOPERATIVAS MILITARES

Segundo lemos nos jornaes, o sr. Consiglieri Pedroso, pediu, pelo ministerio da guerra, informações sobre as cooperativas regimentaes. Vae, pois, ser levantada no parlamento esta importantissima questão, e folgâmos que seja um deputado republicano o primeiro a levanta-l'a. Prestará com isso melhores serviços ao seu partido e adquirirá para si maior consideração no conceito publico, de que defendendo ou protegendo os padres.

A questão foi tratada largamente na imprensa e ahi póde o sr. Pedroso buscar elementos para a tratar na camara com a inteireza que merece, principalmente n'uns artigos publicados nas *Novidades* pelos fins d'agosto, se a memoria nos não falha e ella costuma-nos ser fiel, artigos que impressionaram o exercito pela precisão e altura a que elevaram o assumpto. Todavia não será inutil lembrar ou repetir aqui uma grave irregularidade que se pratica desde essa occasião. Historiemos.

As cooperativas militares tiveram a sua origem no regimento de Caçadores n.º 5. Alguns periodicos attribuiram a iniciativa d'essas utilissimas instituições ao regimento de cavallaria n.º 4, mas parece-nos que se enganaram. Ou pelo menos, se surgiram n'este ultimo regimento conservaram-se enfraquecidas ou rachiticas, emquanto que no regimento de caçadores n.º 5 chegaram logo a grande esplendor, a dois dias da sua fundação.

E' ao capitão Santos que se deve esse serviço. As difficuldades dos seus camaradas, naturaes em quem tem soldo exiguo para sustentar ás vezes familia numerosa, certas irregularidades e até certas vergonhas, estimularam a conhecida actividade d'aquelle official e levaram-n'o, pelo anno de 1880, a procurar uma instituição que a par de pequenos depositos podesse prover ás necessidades impertinentes dos officiaes. Achou-a na chamada cooperativa regimental, a mais bella e democratica das cooperativas portuguezas, que irradiou immediatamente os seus beneficios para muitissimos corpos do exercito, onde se foi estabelecer.

Irradiou beneficios, achou agasalho e conforto na officialidade, alargou a sua fama, creou proselytos fervorosos! Mas a par d'isso, e por isso mesmo, suscitou os odios dos agaloados do ministerio da guerra e dos rafeiros que lhe vão no rasto, porque temem todos que o rebanho escavreado lhes fuja por montes e por valles, logo que entre elle se estabeleça a transmissão d'affectos e a effusão de sentimentos de quem se estima, de quem se preza, de quem tem as mesmas necessidades, as mesmas alegrias ou as mesmas dôres. Uns gritavam, os rafeiros, que os quarteis não eram parlamentos e não consentiam discussões em assembléa geral! Outros vociferavam que não era proprio de militares negociar assucar ou chá para a familia! Chá, já se sabia que fôra cousa para elles desconhecida em toda a vida!

O officio do coronel de Caçadores n.º 1 para a *Inspecção geral de infanteria*, submettendo os estatutos da cooperativa projectada n'aquelle regimento á approvação do general, foi o fogo lançado ao rastilho da mina. A' imbecilidade do referido coronel, que não tinha que submetter os estatutos a quem não competia julga-l'os, respondeu a imbecilidade ou o autoritarismo do chefe de estado maior de infanteria, que mandou dissolver as cooperativas em todos os regimentos de caçadores ou infanteria do exercito, com *sancção* do general e approvação do ministerio da guerra, por *anti-militares, contrarias á disciplina* e á *mobilisação do exercito*.

A irritação do militarismo foi geral contra tamanho absurdo e tão estupenda determinação. *Anti-militares* porquê e em quê? Ninguem resolvia o problema. Todos suppunham, ao contrario, que eram de natureza a robustecer o pundonor e o brio militar, pelas vergonhas de que salvavam os officiaes e pela independencia que lhe davam. Contrarias á disciplina, como? A mesma ignorancia! Pareciam antes affirmar a disciplina, impedindo que os credores fossem clamar aos quarteis e que os sargentos ou soldados lessem bilhetes postaes escriptos em termos indignos! Depois não havia noticia de nenhum conflicto por causa da instituição! Contrarias á mobilisação do exercito de que maneira? Continuava por achar o valor da incognita! Se eram contrarias á mobilisação do exercito, contrarios são os regimentos na sua constituição actual. Pois não teem os conselhos administrativos dos regimentos contractos a praso identicos aos das cooperativas? Em que perigava a honra e o credito d'um corpo, se pela sua sahida passageira e eventual de uma localidade, deixasse suspensas as suas transacções? Deixaria de cumprir os compromissos adquiridos?

A toleima, o disparate, a sobrenadarem acima da ordem famosa e celebre. Toleima e disparate que se quiz attenuar dizendo-se que os estatutos de Caçadores n.º 1 se não harmonisavam com as leis militares. Ainda que assim fôsse seria mais do que loucura, porque seria um crime, fazer pagar tantos os erros d'um só; mas averiguado o negocio soube-se que o *attentado* monstruoso de Caçadores 1, fôra admittir na cooperativa os aspirantes a officiaes, que são de ha muitos annos admittidos, e em todos

---

2 **FOLHETIM**

A POLITICA MONARCHICA DA FRANÇA REPUBLICANA

A GUERRA DE 1870 E O CONGRESSO DE BERLIM

Se a guerra de 1870 se não tivesse dado, a Alsacia ficaria nossa; e deixaria por isso de se realisar a unidade da Allemanha? Se tivessemos, n'uma nova lucta, de soffrer a dura lei do vencedor, ficariamos certamente sem a Champagne ou a Franche-Comté; e ficaria por isso mais completa e mais acabada a unidade da Allemanha? A guerra de 1870 foi quasi tão funesta aos allemães como aos francezes; serviu principalmente os interesses da dynastia Hohenzollern, como teria talvez, em caso de victoria, consolidado por algum tempo o poder cambaleante dos Bonapartes. Mas, como dissemos, os destinos da nação allemã estão ainda muito ligados aos destinos da casa da Prussia, para que qualquer victoria não aproveite primeiramente ao soberano. Foi muito menos o povo allemão de que o imperador Guilherme, que juntou ás suas possessões um bocado de territorio roubado ao visinho. Do outro lado do Rheno não se comprehende isto assim; mais tarde o comprehenderão.

Fomos batidos. Porque não estavamos preparados, grita-se ha dez annos; porque a nossa organisação militar era nulla e a da Allemanha formidavel. Os dois paizes estavam na sua situação logica, como o leitor deve notar. Depois, os allemães traziam a esta guerra, uma força, um elemento de superioridade que nos faltava. Entrando Napoleão III em Berlim, a unidade allemã ficava no pé que estava em Iéna. Os nossos adversarios combatiam, pois, pelo direito, por uma causa sagrada aos seus olhos. E qual era a ideia que nos levava a nós ao sacrificio da propria vida, até ao dia immediato ao de Sédan? Apezar das qualidades militares da nossa raça e do heroismo tradiccional do nosso exercito, o que podiam os regimentos do Imperio conduzidos por generaes favoritos da côrte contra uma nação que nos oppunha como um só homem, em nome d'um principio, duas gerações de cidadãos? Os voluntarios da Republica não tiveram difficuldades em vencer os soldados imperiaes quando defendiam a Revolução contra a Europa colligada. Que energia, que espirito de abnegação não manifestámos nós quando nos vimos obrigados depois de Sédan e Metz a defender os nossos lares da invasão?

Succumbimos, porque quando duas nações seguem caminhos oppostos, quando não combatem por interesses identicos, tem todas as probabilidades de ser vencida a que obrando contra a logica do seu destino se empenhar n'uma lucta sem proveito para os seus interesses. No combate da vida não ha lugar para o sentimentalismo; é preciso um mobil mais serio de que o amor vão da gloria ou a exaltação d'um patriotismo irreflectido para conduzir um povo à gloria ou para o sustentar na derrota. O proprio d'uma boa politica não é tanto assegurar a paz perpetua, como evitar guerras inuteis.

II

Mas os acontecimentos de 1870 estão longe de nós; as causas que os produziram desappareceram. O direito de dispor da vida e dos bens d'um povo inteiro deixou de estar á mercê d'um soberano inhabil, d'uma côrte frivola; a guerra não podé ser declarada sem o consentimento dos mandatarios do povo, e o povo, em republica, é o arbitro soberano dos seus destinos. Tal é, pelo menos, o principio da constituição que nos rege. Mas se formos á pratica dos factos quotidianos, o caso muda de figura. Na realidade, o perigo de se renovar a funesta aventura de 1870 será o mesmo emquanto as decisões da politica exterior estiverem subordinadas á vontade d'uma minoria independente; e, a esse respeito, em nada foram alterados os costumes dos antigos governos. A maneira porque teem sido conduzidos e encarados n'estes ultimos annos os nossos negocios estrangeiros, prova-o de sobejo.

A guerra de 1870 causou um estupor profundo; o povo teve a consciencia de que eram immerecidos os desastres que soffria e de que era victima d'uma politica tão falsa como egoista; demonstrou-o pelas agitações que acompanharam e seguiram a guerra; depois, não cessou de permanecer desconfiado das intenções dos nossos estadistas. E o que fizeram estes para dissipar essas prevenções e socegar inquietações sempre vivas? Quando obraram por si proprios, recahiram invariavelmente nos erros dos governos monarchicos; quando lhes faltou a iniciativa deixaram-se ir a reboque da opinião publica. Não comprehenderam cousa alguma da advertencia salutar que o anno terrivel deu ao paiz; julgaram, e julgam ainda, o golpe de ha dez annos um eclipse passageiro da fortuna; não viram que a França errava o caminho, que recomeçava as questiunculas inuteis de preponderancia dynastica, que caracterisavam o periodo politico. Longe d'isso; mal o suffragio universal impunha silencio ás pretenções dos antigos partidos já os nossos governantes se apressavam por recontinuar na Europa essa politica funesta que acabava de nos custar duas provincias, quinze milhares de milhões de francos e a vida de duzentos mil francezes.

os regimentos, nos gremios da officialidade, pelos respectivos estatutos, e a que se concedem muitas das garantias que se concedem a esta. E eis ahi o nefando attentado!

Mas bem, foram prohibidas as cooperativas por *anti-militares, contrarias á disciplina e á mobilisação do exercito*. Pois sabem os leitores o que succede? Succede que essas cooperativas *anti-militares, contrarias á disciplina e á mobilisação do exercito*, levam vida desafogada e ampla na artilheria, na engenheria e na cavallaria, por que só foram prohibidas para a infanteria! O sr. Fontes prohibiu-as na infanteria, ou auctorisou o general a prohibi-l'as porque este lhe perguntou se queria que assim o fizesse. Consente-as nas armas restantes, porque nem os directores geraes das primeiras nem o inspector da terceira lhe perguntaram ou propozeram cousa alguma. De forma que é militar, disciplinar e mobilisador em metade do exercito, o que é anti-militar, anti-disciplinar e anti-mobilisador para a outra metade! Grande ministro e famoso principe!!!

E' esta a grave irregularidade de que queriamos fallar. Grave e fulminante, porque sempre queremos ver a attitude do sr. Fontes quando um deputado lhe atirar com eila á cara em pleno parlamento.

Talvez que tenhâmos de voltar ao assumpto, e entretanto, sem querermos ensinar nada ao sr. Pedroso, ahi lhe avivâmos a memoria com algumas informações. Que se acautele com a resposta rabulista do ministerio da guerra e com os sophismas do sr. Fontes! O ministerio da guerra só lhe responderá que approvou a consulta que lhe fez em tal tempo a inspecção geral de infanteria sobre a eliminação das cooperativas. O sr. Fontes ha de dizer, que não mandou eliminar cousa nenhuma, porque não podia eliminar uma cousa de que nunca teve conhecimento. E' mentira! As cooperativas não tinham approvação official, porque o ministerio da guerra sempre se negou a conceder-lh'a. E' mentira, porque no ministerio da guerra havia participação official do estabelecimento da instituição em varios regimentos, cujos numeros até poderiamos citar. E' por isso que dizemos que é mentira, e quando o dizemos só o dizemos com a firmeza do costume.

Por fim, se o sr. Pedroso se quizer dar ao trabalho de consultar as revistas militares estrangeiras, entre outras *Le Bulletin De La Réunion des Officiers*, *La Revue Militair*, e muito melhor ainda as revistas allemães, e mesmo as nossas, ahi verá que o que é para o sr. Fontes anti-militar, anti-disciplinar e contrario á mobilisação do exercito, é para grandes generaes estrangeiros um dos primeiros elementos de vida das collectividades armadas.

A FALSIFICAÇÃO DOS VINHOS

Não só como membro da imprensa, mas como um seu orgão collocado ao sopé da fertil região vinicola da Bairrada, cujo movimento economico se prende relativamente com o d'esta cidade, increpâmos tambem asperamente o procedimento inqualificavel d'uns torpes exploradores.

Referimo-nos á fraude e adulteração dos nossos vinhos, que sendo justamente apreciados nos mercados estrangeiros, póde acarretar-nos prejuizos incalculaveis.

Associâmo-nos á indignação do nosso prezado collega o *Districto de Leiria*, e transcrevêmos gostosamente o seu muito sensato artigo que trata de tão importante assumpto. Eil-o:

Realisou-se o que nós tão justamente receiavamos. Os traficantes, os trapaceiros que prejudicam e infamam o commercio, esses parasitas ignobeis de todos os paizes, microbios vorazes que matam os organismos de que vivem; os falsificadores emeritos levaram já a sua influencia, a sua acção depreciadôra ao nosso florescente commercio de vinhos!

Estão no Tejo dois vapores carregados de cascos de vinho recambiados de Bordeus. E' vinho falso, uma grosseira mixordia engendrada por trampolineiros!

E esse mercado opulento, que era já importantissimo, que promette um futuro brilhante para o nosso commercio de vinhos, pode afinal fechar-se-nos porque uns traficantes tiveram a impudencia de desacreditar com as suas falsificações os commerciantes honrados e leaes, que são muitos, felizmente, n'este paiz!

Nem os desastrados falsificadores imaginam o prejuizo enorme que podem causar aos negociantes honestos e a todo o movimento commercial do paiz, se a desconfiança nos difficultar o mercado de Bordeus, que dia a dia se ia tornando mais remuneradôr para os vinhos portuguezes e podia contribuir para que, pelo exemplo, outros se nos abrissem na Europa e na America.

Nada menos que uma perda de milhares de contos e talvez a ruina da nossa industria vinicola.

E senão vejamos o que tem valido a exportação dos nossos vinhos chamados de pasto:

	Decalitros de vinho exportado
Janeiro a outubro de 1884	3.423:883
» » de 1885	9.172:126
Augmento em 10 mezes.	5.748:243

Quer dizer que exportámos em dez mezes d'este anno quasi o triplo do que o anno passado haviamos exportado em igual periodo!

	Valor do vinho exportado
Janeiro a outubro de 1884	2.938:429$000
» » de 1885	6.874:669$000
Augmento em 10 mezes.	3.946:240$000

Vê-se bem que seria uma perda enorme, se o descredito nos fechasse o mercado de 3 ordens, e decerto incalculavel se, como é natural, perdessemos o credito em outros mercados, aos quaes poderiamos concorrer vantajosamente.

Foram os falsificadores que desacreditaram os nossos vinhos no Brazil, e com difficuldade nos vamos agora rehabilitando ali.

Pense-se bem que em dez mezes d'este anno exportámos quasi *sete mil contos de vinho de pasto*, ou mais quasi *quatro mil contos* do que em igual periodo do anno passado.

Seria um desastre profundo que o descredito roubasse ao paiz esta valiosissima riqueza.

E' preciso emprehender uma cruzada energica contra os traficantes.

Como era dever seu, o governo tomou já a vanguarda.

Carta de Lisboa

8 de Janeiro.

Nada tenho que lhes dizer sobre politica. Está isto indifferente e marasmatico. As camaras estão abertas, mas dedicam-se por emquanto a trabalhos insignificantes:— expediente, eleição de commissões e nada mais. Entretanto, hontem deu-se ahi um facto muito significativo. O presidente disse *qualquer cousa* sobre a morte de D. Fernando. Qualquer cousa, porque se não pode designar por outra forma umas banalidades que nem eram elogio funebre, nem commemoração, e essa qualquer cousa no meio da indifferença geral de toda a camara. Entretanto a seguir o mesmo presidente dedicou palavras calorosas á memoria do sr. Anselmo Braamcamp no meio dos applausos unanimes da mesmissima camara. Como a democracia avança! Como aquelles carneirinhos do sr. Fontes fizeram alli inconscientemente uma manifestação republicana, tratando com desdem pronunciado um principe que em vida tanto exaltavam, emquanto evidenciavam o seu respeito pela memoria d'um plebeu que foi honrado! Decididamente as idéas não só não param nas fronteiras, como nem param á porta dos srs. deputados da *nação*.

A proposito. Acabam de me contar por o terem lido algures umas miseraveis intrigas da corte, a respeito do conflicto que se levantou sobre a morte de D. Fernando. Diz-se que a rainha, que não pode vêr a condessa d'Edla, ordenára a um dos filhos, ou quando estava para sahir das Necessidades o cadaver de D. Fernando, ou n'uma d'essas occasiões que dissesse á condessa de Edla que pela pragmatica não podia estar no local em que se achava. D. Augusto, que ouviu, observou que o lugar d'aquella senhora era ao pé do cadaver de seu marido. Então a rainha, irritada, mandou ao duque de Loulé que comprisse a sua ordem. Accrescenta-se que no dia de anno bom, dia de recepção no Paço de Ajuda, o infante D. Augusto não comprimentara a sr.ª D. Maria Pia, como vindicta ou despeito, o que provocára da parte do principe real a observação, que D. Augusto recebeu silencioso, de que não podia consentir que se faltasse ao respeito a sua mãe, que demais a mais era rainha.

Será verdade, não será? Não sei, apezar de o ter ouvido confirmar a pessôas de todo o credito e apezar de saber *muchas cousas mas* que poderiam abonar e confirmar as que ahi ficam. Um dia as contarei e hão de ter graça, principalmente por serem contadas e conhecidas por um republicano. Republicano se os *chefres* dão licença, está claro! Não sei se é verdade o que ouvi, mas creio que sim, por muitos precedentes. O que é verdade, é que no rosto da realeza pairava na sala da recepção o quer que era de significativo no dia de anno bom. O que é verdade é que a condessa d'Edla soube captar o favor de D. Augusto. O que é verdade é que a sr.ª D. Maria Pia não podia nem pode vêr a sr.ª D. Elisa Hensler e que toda a campanha torpe e baixa movida contra esta foi com o fim de lhe agradar. Tão torpe, tão baixa e tão ridicula que despertou simpathias a favor da condessa d'Edla, que tambem as não merece. O que é verdade é que vem de longa data umas immundicies, que as *Novidades, por descuido ou precipitação* iam arremessando á tona d'agua. Ah, que se podessem fallar umas certas cousas! Que é, pois, de admirar que se tenham dado as scenas que se contam, quando se teem dado outras muito mais escandalosas? Ponto final, por hoje e por aqui.

—Diz-se que o ministerio será substituido brevemente por um ministerio progressista.

—Suicidou-se um sargento de Caçadores n.º 2. Era muito estimado por todo o regimento, que o acompanhou até á sepultura, desde o chefe até ao ultimo soldado. O infeliz obedeceu na fatal resolução a uns melindres de honra e a umas tristes apprehensões.

—Escrevem do Barreiro ás *Novidades*:

«Um individuo d'esta localidade namorava aqui uma rapariga, que lhe correspondia com os mais vivos extremos. Seguindo a tradição dos dois amantes de Verona, o namorado, por altas horas da noite, encostava uma escada ao peitoril do balcão, e ali se entretinha em doces colloquios com a sua amada.

«Fazia, porém, uma leve modificação na tradição romantica. Leve lhe pareceu, mas foi-lhe funesta! Por causa do frio e da humidade da noite, em vez de se deixar ficar empoleirado na escada, saltava para dentro do balcão e respectivo aposento.

«Como este mundo anda cheio de almas damnadas, houve quem se pozesse de espreita, quem denunciasse ao pae da menina os innocentes amores, e quem fosse retirar a escada depois de o feliz namorado ter subido. Acode o pae avisado, ou mal avisado, que persegue com alguns tiros de rewolver o apaixonado Romeu; e este, precipitando-se na fuga, e não achando a escada, atira comsigo d'uma janella abaixo, quebrando as costelas e a cabeça conseguindo refugiar-se na casa paterna onde se acha em tratamento. Escapou dos tiros, mas não escapou a este desastre.»

—Lê-se hoje no *Diario de Noticias*:

«Hontem atravessava as ruas da cidade, em direcção ao hospital de S. José, uma maca conduzida por quatro homens, com uma mulher dentro, muito ferida e quasi moribunda.

Indagamos qual fôra a causa dos ferimentos n'aquella infeliz, que mais parecia já um cadaver, e contaram-nos esta triste historia. Aquella mulher, que se chama Germana de Jesus, viuva de um sapateiro antigo do sitio do Monsanto, ainda agora ali vivia com cinco filhos, já maiores, e que eram o amparo da pobre velha. A mãe Germana era feliz, porque tinha em redor de si cinco creaturas que lhe eram queridas, todas de boa saude, graças a Deus, e n'uma harmonia que constitue a verdadeira felicidade.

De ha uns tempos para cá, porem, um dos seus rapazes, o José Raymundo, que era um bom official de pedreiro, foi como que assombrado por uma faisca da fatalidade. José, sempre pouco dado a folias, muito mettido consigo, de poucas fallas, fugindo da convivencia com os amigos, foi mais atacado d'essa profunda melancholia; mas quasi que sem a familia dar importancia a isso.

Um dia faltou-lhe o trabalho e o rapaz ainda entristeceu mais. E foi desde então que algumas vezes manifestou certos indicios de affecção cerebral. A pequenos accessos seguiram-se violentos ataques de loucura, e o medico que foi chamado aconselhou a velha Germana a metter seu filho no hospital dos alienados.

A pobre mãe queria vêr se o filho melhorava sem se recorrer a essa separação. Mas a doença tornava-se tão seria e perigosa que ante-hontem tinha-se já resolvido que o enfermo entraria em Rilhafolles.

Hontem de manhã o desventurado rapaz foi atacado de uma vertigem violentissima e armando-se de um sacho descarregou fortes pancadas na cabeça da primeira pessoa que se lhe deparou. Foi sua mãe!

A Germana caiu redondamente no chão dizendo: — Ai, filho que me mataste!

Acudiu uma das irmãs e foi tambem aggredida com o mesmo ferro.

O louco feria por prazer, e foi necessario empregar grande trabalho e arriscar a vida de algumas pessoas para o subjugar, desarmando-o em seguida.

Depois foi amarrado e conduzido n'um trem para o hospital de Rilhafolles.

A velha Germana, com a cabeça aberta e o peito a estalar-lhe tambem de dôr, deitavam-a na maca que a trouxe para o hospital de S. José.

Que fomos nós fazer ao Congresso de Berlim, a Ducigno, á Tunisia?

III

Não havia melhor attitude a tomar, na situação em que se achava a França em 1878, de que ir a Berlim ratificar decisões que nem ao menos tinham por si a equidade e o bom senso?

Que se propunham as potencias reunidas em Congresso no dia immediato ao da guerra turco-russa? A Allemanha desejava que a Russia victoriosa da Turquia e unica signataria do tratado de S. Stefano não exagerasse o seu poder. A Inglaterra e a Austria não queriam que a influencia russa contrabalançasse, nos Balkans, a influencia austro-ingleza. E' preciso ver, em ultima analyse, o que tudo isto significava.

Ha hoje duas politicas no Oriente: a politica dos reis e a politica dos povos.

Por um lado os tzares aspiram, por tradicção, a estender o seu dominio até Constantinopla; os Habsburgos sonham por estabelecer o limite das suas possessões no mar Egeu; os Hohenzollern receiam um augmento de força do seu visinho de leste, mas teem toda a vantagem ao ver o seu adversario de Sadowa envolver-se em difficuldades inextricaveis na questão do Oriente; a Inglaterra, julgando perigoso para o seu poder industrial e colonial a preponderancia da Russia ou da Austria, reclama o «statu quo» e declara-se contra qualquer tentativa de esbulhar os outros. Não ha em tudo isto respeito nem pelos sentimentos nem pelas aspirações dos povos.

Por outro lado as nacionalidades resurgem ao contacto da civilisação que as penetra por todos os lados e sob todas as fórmas. Procuram-se, accusam a sua individualidade e agitam-se para se subtrahirem ao jugo do oppressor, para se organisarem em estados livres segundo as suas sympathias e os seus interesses.

Pelas suas divisões, as grandes potencias favorecem este movimento; não podendo embaraça-l'o, vigiam-n'o com cuidado zeloso; não podendo tocar directamente o alvo das suas ambições, procuram lá chegar protegendo um ou outro d'esses pequenos povos de que adoptam os intentos, contando converte-l'os em clientes submissos e passivos. Segundo estas vistas talhou a Russia para si em S. Stefano uma posta magnifica, que os outros soberanos não podiam deixar de reduzir a proporções menos atacantes das suas ambições. Assim o Congresso de Berlim tratou mais de satisfazer os rancores e as esperanças dos monarchas do que de salvaguardar os interesses das nacionalidades. Para diminuir a influencia da Russia nos Balkans, negou a liberdade a milhares de christãos que acabavam de verter o seu sangue pela sua independencia; por outro lado, em forma de compensação, deu á Austria a Bosnia e a Herzegovina que não pediam uma annexação d'esse genero. A Inglaterra tomou Chypre. A Allemanha teve o prazer de humilhar a sua antiga alliada a Russia, e de impellir a Austria um pouco mais para diante na engrenagem da questão do Oriente. Salvo os christãos da Bulgaria, que foram abertamente subtrahidos ao dominio dos turcos, foi ainda a politica das dynastias que tirou maiores vantagens do Congresso de Berlim.

A ultima constituição da Europa, tal como a quer a evolução dos povos europeus e como o indica a historia, é muito avançada para que se lhe possam definir as grandes linhas.

Dissemos como os povos occidentaes acabaram a sua transformação de potencias guerreiras e politicas em potencias economicas; como o movimento, propagando-se de Oeste para Este ganhou o centro da Europa onde se desenvolve com uma força irresistivel. Até a propria Russia, alcançada por elle finalmente, sahe do turpor em que a mantinha uma autocracia dez seculos atrazada. Restam as populações slavas e gregas, submettidas ao dominio dos turcos. Mas estes estão fatalmente destinados a desapparecer.

Não ha Estado europeu que nutra hoje a illusão de conservar o imperio ottomano, mesmo regenerando-o e reformando-o. A raça turca é inferior ás raças que conquistaram e civilisaram a Europa; apezar do contacto de muitos seculos com povos de cultura elevada, tem permanecido barbaro, tem-se sustentado invencivelmente rebelde á civilisação. E' certo que se tem podido impor pela força á nação grega, fatigada por seculos d'um rude trabalho intellectual, e aos pacificos cultivadores do Danubio; entretanto a sua energia guerreira, amollecida pelos ocios da «étape» prolongada que faz ha tresentos annos nas margens do Bosphoro, nada pode contra o despertar de populações mais bem dotadas pela sua origem e pela luta dos tempos modernos. Apezar das suas virtudes incontestaveis, a honestidade, a sobriedade, a bravura, o estoicismo na desgraça, que contrastam de uma forma estranha com os vicios da sua aristocracia cosmopolita, faltam á raça turca as qualidades dominantes dos povos que impellem a civilisação: a sua intelligencia é mediocre, a sua actividade é nulla; a tolerancia de que faz gala para com os christãos não é mais de que um desprezo profundo pelos sentimentos e opiniões que professam os seres que julga inferiores; nunca acceitará por si propria ou espontaneamente a egualdade do direito das raças e das religiões, a divisão do poder e da propriedade. O destino d'esses nomadas, que o accaso d'uma d'essas tempestades inexplicaveis arremessou ás costas da Europa, é facil de prophetisar: a queda do imperio ottomano na Europa é fatal, é proxima; e os vassalos do sultão que não poderem resignar-se a viver sob a tutella benefica dos christãos, levarão para a Asia as saudades do seu poder derrubado para sempre.

(CONTINUA.)

Tem fractura de craneo, uma ferida na face esquerda e outras mais pela cabeça.

O seu estado é muito grave.

Os ferimentos que fez á irmã são, felizmente, insignificantes.»

Y.

PARA RIR

Não temos tempo para aturar o Calino reles cá da terra. Servenos só para as horas de preguiça. Mas como é demasiadamente apreciavel convem não o perder de vista. Sabem o que elle descobriu a proposito do testamento de D. Fernando? Reparem:

«Que culpa tem o nobre defuncto, que muita gente se acostumasse a considerar o palacio da Pena e as preciosas collecções do palacio das Necessidades como uma pertença nacional, ou como bens da corôa?

Quanto á condessa d'Edla ir habitar o paço das Necessidades, porque não poderá D. Luiz concedel-lhe esse mero obsequio? Até o leitor para lá podia ir residir ámanhã, se el-rei o consentisse, exactamente como no palacio dos Carrancas, do Porto, e no de Villa Viçosa se acham installados procuradores e servos.»

Ora vejam em que vae cahindo este biltresito que se disse republicano! Já chega a applaudir o roubo dos bens nacionaes e em tomar o paço das Necessidades, que é do paiz, á conta de qualquer pardieiro de sua magestade! E no fundo, o que de tudo tem mais graça, é a equiparação que elle faz do sr. Mendes Leite, ou do sr. Gustavo, que ainda é melhor, ou do sr. Lima socialista, que ainda é muitissimo melhor, todos os leitores dilectos do papel, com os lacaios de Villa Viçosa e dos Carrancas!! Com que amabilidades estes marotões se mimoseiam!

NOTICIARIO

São extrahidos d'um livro publicado ha cinco annos os curiosos folhetins que começámos a publicar o n.º passado. Já n'esse tempo o conhecido republicano Fernand Maurice combatia decididamente a politica napoleonica da terceira republica, as aventuras opportunistas que tão funestas estão sendo á democracia franceza. O que dirá hoje o illustre escriptor, depois das *glorias* do sr. Ferry?

Naufragou na tarde de ante hontem, quando procurava entrar n'este porto, o brigue noroeguez *Amthand Aall*, com carga de carvão para as minas do Braçal.

O navio é novo, motivo por que até á hora em que escrevemos tem resistido sem nenhuma avaria ao embate do mar, e permittido o alijamento da carga.

Alliviado que seja, contam poder safar o brigue da restinga onde encalhou e pôl-o a nado.

O capitão e toda a tripulação tem-se conservado a bordo desde o dia do naufragio.

Informam-nos de que para os lados do Alboy existe uma brucha, que faz coisas do arco da velha. Afugenta os espiritos malignos, faz encontrar objectos perdidos, dá remedios para muitas e variadas enfermidades e limpa radicalmente as algibeiras dos papalvos.

Só uma sua cliente é que parece se não déra bem com as *benzeduras*, porque traz o miolo um pouco affectado em consequencia das provas cavalisticas a que a *virtuosa* mulher a submetteu. As crentes affluem numerosas ao antro da bruxa, que aufere bons interesses d'este pobre Zé, boçal, ignorante, que se deixa explorar por todos os feitios

Recommendâmos á auctoridade competente a espertalhona.

Voltámos necessariamente aos felizes tempos biblicos, em que as apparições celestes já não surprehendiam ninguem por serem coisa muito vulgar.

A uma mulher do bairro piscatorio appareceu o menino Jezus como mediador n'uma contenda domestica, e conseguiu abrandar as iras da mulher que se oppunha ao enlace d'um seu filho.

Pois o que não conseguiram rogos mundanos, obteve-o o menino Jezus, e qualquer dia deve realisar-se o matrimonio.

Ahi fica o reclame aos bons officios casamenteiros do Nazareno. Não lhe faltarão pedidos.

No Paço, logarejo suburbano d'esta cidade, a ignorancia d'um attribulado esposo causou uma desgraça horrivel.

A mulher debatia-se nos transes d'um parto difficilimo, sem auxilio de alguem que soubesse empregar-se convenientemente a favor da afflicta mãe. Approximavam-se os momentos supremos d'uma anciedade dolorosissima; a creança deslocada da posição natural apresentava á luz os pésitos, e a mãe já sem forças, não podia expelli-la. O marido, completamente desvairado ante o quadro dilacerante, resolve in continente: quer salvar esposa e filho e pucha pelos pésitos d'este, mas apenas consegue extrahir o tronco; com o impulso despegára-o da cabeça, que ficou no ventre. Quando foi chamado o soccorro medico, já a mãe era cadaver.

Damião de Goes e *O Progresso de Elvas*, são os titulos de dois periodicos que sahiram ultimamente á luz, o primeiro em Alemquer, o segundo em Elvas.

Mil prosperidades e longa vida aos noveis luctadores.

Alguns jornaes de Coimbra teem atacado severamente o governador civil d'aquelle districto, visconde d'Almeidinha, denunciando este titular como um dos maiores devedores ao municipio de Coimbra e á fazenda nacional.

Tão assetiado se viu aquella auctoridade pela attitude da imprensa local, que mandou solver os seus debitos municipaes, os quaes ascendiam a centenas de mil reis O fisco, porém, inexoravel para com o contribuinte pobre, nunca incommodaria o sr. visconde d'Almeidinha, se a isso não fosse compellido pela linguagem de justa indignação dos nossos collegas de Coimbra.

Desgraçado paiz onde as leis só teem vigencia para os humildes e desfavorecidos da fortuna.

A Officina, entrou no quarto anno da sua existencia. Publica-se em Coimbra e é collaborado, redigido e administrado por um nucleo de operarios que fazem honra á classe pela dedicação, pela tenacidade e perseverança com que luctam para sustentar um periodico, defensor strenuo dos interesses de proletariato.

Congratulâmo-nos sinceramente com os nossos prezados collegas da *Officina*, pelo seu quarto anniversario.

Em Estarreja, por cauza de rivalidades politicas tem sido atacados á mão armada os individuos, e apedrejados e varados os edificios dos adversarios a tiros de rewolver.

Quasi todo o clero portuguez e muitas camaras municipaes teem feito preces para *alliviar a alma* do fallecido rei Fernando das fraquezas commettidas n'este valle de lagrimas. Então sempre é certo que o defuncto monarcha foi em vida um refinado delinquente?

Se o prelado de Vizeu recommendou a todos os parochos do bispado que promovessem nas suas freguezias suffragios por alma de el-rei D. Fernando, e a camara municipal do Carregal mandou celebrar uma missa em suffragio por sua magestade, exemplo seguido por muitos outros prelados e outras corporações municipaes, a memoria do *rei artista* fica ensombrada pelo facto de carecer de rezas para subir á mansão celeste.

E' inconsequente esse procedimento bajulador; mas deixêmos isso, e a phantasmagoria do clero, para evidenciar uma nota ainda mais discrepante.

As culminancias sociaes, por mais torpes e desbragadas que sejam, tem por si quasi sempre a intercessão beatifica, hypocrita ou sincera, a acompanhal-as ao tumulo, d'estes idolatras dementados. Se na sua essencia essas orações não teem para nós valor algum, na fórma, representam para todos aquelles que assistem serenos a essas preferencias, uma repugnante iniquidade. Os humildes, o prolectario, o elemento primordial das sociedades, não merecem quando morrem, as mediações d'aquelles que se desfazem em preces quando deixa de existir qualquer patife altamente collocado na escala social.

Esta gente não tem vergonha; não se lembra de que a parte sensata e illustrada da nação lhe espreita, com o sarcasmo nos labios, os movimentos da mais apelintrada curvatura.

Se nos não enganâmos, a camara municipal de Beja até fez publicar um edito, instigando os municipes a manifestarem por qualquer fórma o seu pezar pela morte de D. Fernando!

Ridiculo! Supinamente ridiculo!. Os sentimentos não se impõem como um tributo. Nascem espontaneamente no coração.

Tentar provocar lagrimas por fórma tão picaresca é d'um chulismo que não abona muito miolo; é cahir na gargalhada dos que vêem sem paixão esse azafama em procurar manifestações de condolencia por quem baixou ao tumulo no meio da geral indifferença do paiz.

Era muito mais prudente não agitarem o thuribulo: lucrava com isso a memoria do finado, não o estygmatisando com extemporaneas e justas apreciações que só á historia cumpria desenvolver opportunamente.

O inolvidavel frei José dos Quarações, cuja mansidão evangelica é assaz conhecida pelos infelizes que habitam dentro do pateo de S. Vicente de Fóra, impoz torpemente as caturrices do seu espirito bronco, para mostrar quanto é dedicado a familia real portugueza.

Angelina Vidal escreveu na *Voz do Operario* que no dia do funeral do sr. D. Fernando o sr. patriarcha houve por bem não deixar abrir a porta do pateo de S. Vicente, para que os operarios que ali teem officinas de marceneria não podessem trabalhar; S. Eminencia *esqueceu-se* porem de lhes compensar o dia perdido. A catholica ternura que demonstrou para o cadaver do principe fez-lhe pôr de parte a maxima de Jesus. «Não façaes a outrem o que não quererieis que se vos fizesse.»

Se um dia a nação se lembrar de fazer *exequias* solemnes por todas as victimas de Roma, se em memoria de Galileu, Pedro Ramos, Bacon, Jeronymo de Praga, etc, approuvesse ao povo tomar lucto e deixar de sustentar os theocratas, fechando-lhes mesmo as portas dos paços que habitam e que pertencem á nação, que pensaria S. Eminencia do facto? Chamar-lhe-hia attentado monstruozo contra a *liberdade*, crime inaudito contra a religião, e gastava horas a anathemathisar os herejes.

E' justamente por isso que o operario se revolta contra os falsos principios de qualquer ordem. Os que perderam um dia de trabalho perderam a feria correspondente; o sr. patriarcha não perdeu couza alguma e fez a manifestação de pezames dispondo da vontade alheia sem se dar sequer ao encommodo de consultal-a. Funda-se talvez o illustre pastor em que dando gratuitamente os casebres aos pobres, está no seu direito de impôr as suas opiniões aos habitantes. Entretanto a caridade assim exercida deixa de o ser. Quem dá uma esmolla perde o direito á gratidão desde que pretenda obter *juro* d'ella. Aquillo que cedemos a outrem deixa de pertencer-nos. Sua Eminencia podia em consciencia indagar quaes os operarios que não queriam trabalhar n'esse dia, mas aos outros só devia prohibil-o depois de lhe pagar o dia perdido. Talvez que a sua alma catholica não pense nos prejuizos causados ao proletario com a perda de 400 réis; mas emquanto no opulento palacio do ministro d'aquelle martyr proletario cruxificado pelos grandes da religião pagã, está a meza coberta de alimentos, e os aposentos aconchegados e tepidos escarnecem das nortadas frias, na miseravel habitação do operario a fome estende victoriosamente os seus andrajos e com elles cobre de lucto o coração dos infelizes.

E como fallamos no pateo de S. Vicente diremos aos nossos leitores que continua alli a impôr-se a estupida obrigação da reza duas vezes cada dia.

No pinhal da Azambuja dizia-se «ou bolsa ou vida.» Alli é ou *padre nosso* ou fome. Isto é ultra irrisorio! Que no nosso tempo, n'uma cidade civilisada se passem d'estas scenas stultas custa a acreditar.»

Sob a epigraphe— *Julgamento... musical*— narra um jornal de Caminha que teve lugar n'aquella villa o julgamento de dois individuos que percorriam as ruas tocando gaita de folles e tambor. O juiz de direito da comarca condemnou-os, e na sua sentença, entre muitas considerações disse ser a gaita de folles um instrumento já não usado na terra, que é muito incommodativo e que os seus sons *fazem estremecer as vidraças e partir os vidros!*

Ora tudo isto accrescenta o collega, é usado; ainda o anno passado aqui andaram dois sujeitos, no dia do anniversario de el-rei, tocando um gaita de folles e outro um assobio de capador; isto acompanhado do regedor de parochia, que de certo marcava o compasso.

Não é original, mas são engraçados os *considerandos* do juiz. Fica, portanto, banido o uso da gaita de folle por ser uma velharia biblica e indigna de figurar n'este seculo de magistrados que são a gloria do foro portuguez.

O *Diario Illustrado*, tratando do novo imposto do sello, para não desagradar aos amos, diz que não guerreia o governo, mas que condemna aquelle imposto por que veio sobrecarregar a industria jornalista!

Não censura os homens, increpa-lhe as suas acções. Já é vontade de agradar.

O gato tambem esconde as unhas emquanto lhe afagam o pello; mas exaspera-se e mostra as garras quando lhe contrariam os instinctos felinos.

A sr.ª D. Maria Pia, a quem o jornalismo unctuoso envolveu nas mais fofas e suaves qualidades do coração, não primou por delicada, não respeitou a dôr da esposa morganatica de seu sogro, deixou ver uma pontinha do seu orgulho, do orgulho de raça, que destôa evidentemente do que as tubas por ahi assopram.

Quando a familia real se agrupou junto do portico nas Necessidades, para saudar n'uma ultima despedida o cadaver de D. Fernando, a sr.ª condessa d'Edla, n'uma commoção forte, e que queremos acreditar sincera, acercou-se tambem. A rainha, sempre majestosa e ciosa das praxes da velha etiqueta, chamou o sr. infante D. Augusto e lembrou-lhe que n'aquelle acto a sr.ª condessa não podia ter logar.

—Dê-lhe o braço e leve-a para os seus quartos, recommendou.

O sr. infante curvando-se, com uma fiesa pronunciada, recusou-se a obedecer, e declarou que por sua parte julgava estar ali muito bem, e com pleno direito, a esposa de seu pai, que, como se fôra sua propria mãe, estimara sempre.

As faces pallidas da rainha tingiram-se com um rubor intenso ao ouvir isto, os seus olhos tiveram uma scintillação de faisca electrica, e foi com a voz agitada d'um tremor nervoso, que, voltando-se para o sr. marquez de Pombal, ordenou:

—Conduza a sr.ª condessa aos seus aposentos.

O fidalgo dobrou-se n'uma reverencia e dando o braço á que fôra esposa de seu amo, subiu lentamente as escadas.

Não se encobrem facilmente os instinctos. Quando a filha de Victor Manuel manifestou tal desdem por aquella mulher que ainda ha dias era sua sogra affim, que repugnancia deve ella sentir pela *canalha* que não obstante ahi lhe levanta altares?

Conta um jornal de Lisboa, que diz tirar d'um jornal da localidade (?), que na tarde de domingo 27 de dezembro, andava á caça em S. João de Loure, Manoel Nunes de Sequeira Junior, quando ao atravessar por debaixo de uma parreira, se lhe descarregou a espingarda que levava, empregando-se a carga, que era de chumbo, no dedo indicador da mão direita. O ferido conta que os fechos da espingarda se prenderam a um ramo da videira e se deu logo a explosão da arma.

O dedo foi arremessado tão longe que não foi possivel ser encontrado.

Em S. João de Loure interpreta-se este acontecimento de diversas maneiras. Ha quem diga que o tiro é apenas uma supposição.

Manuel Nunes de Sequeira tem 21 annos e tinha recebido guia para se apresentar á junta militar de revisão como recruta a fim de ser inspeccionado.

O corpo do dedo não deixou sangue.

Na ultima sessão do conselho superior de instrucção publica foram approvados projectos de propostas de lei ralativas:

1.ª Á reforma do curso superior de letras.

2.ª Á creação da cadeira de histologia nas escólas medicas.

3.ª Á reorganisação do archivo da Torre do Tombo.

4.ª Á reforma de instrucção secundaria, fixando o curso dos lyceus de 8 annos e sendo todos os lyceus eguaes.

Dizem de Espinho que a escassez de pescarias, que este anno arruinou quasi todas as companhas, tem dado logar a que emigrem muitos pescadores para outras praias.

Falla-se vagamente em Lisboa e muito á puridade, n'um proximo emprestimo bastante gordinho, que o governo pretende contrahir lá para março.

Com estes rumores coincide um periodosinho que o sr. D. Luiz papagueou na falla do throno. Diz assim:

«O meu ministro da fazenda vos apresentará o orçamento da receita e despeza do Estado para o anno economico de 1886-1887, bem como o orçamento rectificado relativo ao exercicio corrente. Apresentar-vos-á tambem algumas propostas de lei, que, sobre as bases dos actuaes impostos, simplificando o seu lançamento, e *fazendo-lhes adquirir maior elasticidade, tendam a produzir mais*

receita, e sejam menos vexatorios aos contribuintes.»

O governo do sr. D. Luiz preciza de mais dinheiro; vae pedil-o emprestado; para fazer face a isso, o respectivo ministro apresentará ao paiz algumas propostas de lei, tendentes a dar maior elasticidade aos impostos actuaes.

Preparemos então as algibeiras, que ao ministro do sr. D. Luiz, (*seu*, lhe chama elle) apraz alargar as receitas do Estado, *para que os impostos sejam menos vexatorios aos contribuintes.*

Que cynismo de gente! Mas que paciencia a nossa!

A divida fluctuante encerrou-se no mez findo com 547 contos a mais, na totalidade de 9:115 contos de reis!

E' de pasmar!

O sr. Fontes que desde o principio do consulado prometteu extinguir esse cancro creando para esse fim novos impostos, tem apenas conseguido alimental-o, avolumando-o com progressivos esbanjamentos do suor do povo.

Tudo vae bem n'este paiz de compadres e afilhados. Ha de custar cara a nossa indifferença perante as innumeras torpezas d'esses truões palacianos, quando o mal tiver attingido proporções, para attenuar as quaes forem impotentes os palliativos das caducas instituições que levam ahi uma vida de miserias e ignominias.

A camara municipal de Braga deliberou augmentar com 15$000 reis o ordenado dos professores primarios do seu concelho.

E' summamente louvavel tal resolução. Assim todos os municipios do paiz quizessem ou podessem seguir o exemplo do senado bracarense.

A empreza do *Interesse Publico* pede aos cavalheiros, que receberam o numero programma d'este jornal, e não desejem ser considerados como seus assignantes, o favor de o devolverem até 10 de janeiro corrente á administração da Empreza em Lisboa, Praça de Luiz de Camões 6. A cobrança das assignaturas será feita pelo correio, para evitar maiores incommodos, podendo ser recusada a assignatura no acto da respectiva cobrança.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Tem sido este anno insignificante a exportação da nossa laranja. Os mercados inglezes recusam-na, porque foram invadidos por uma assombrosa quantidade d'aquelle fructo, procedente da America do Norte, não podendo a laranja portugueza concorrer com o preço fabulosamente barato da americana.

Trata-se da cura da morpheia, a horrorosa molestia até agora considerada incuravel.

Segundo informa um collega, o 1.º cirurgião da armada brazileira, o dr. Symphronio Olympio Alves Coelho, affirma, sob juramento de seu grau, que em maio de 1884 viu o menino Antonio da Costa Thimoteo, no começo do terceiro periodo de morpheia, o qual se acha agora radicalmente curado pelo emprego da *sucupisa branca*.

Accrescenta o mesmo periodico que a infeliz creança chegou a ter o rosto, as mãos e as pernas no mais deploravel estado.

Está aberto concurso por 30 dias, para provimento do logar de professor da cadeira complementar de instrucção primaria, creada na villa de Taboaço, com a denominação Macedo Pinto. O promovido receberá o ordenado de 500$000 réis e mais a gratificação de 50$000 reis na qualidade de bibliothecario da bibliotheca popular, annexa á referida escola.

Estão por pagar os ordenados de sete mezes dos professores primarios do concelho de Vizeu. Tambem estão por pagar as gratificações de frequencia de tres trimestres, e as gratificações das conferencias pedagogicas.

Pelo representante francez em Marrocos o sr. Fernand foi participado ao respectivo ministerio o seguinte facto:

O paquete francez o *Vosges* tendo ido prestar soccorro a um navio italiano, o *Abyssinia*, que dera á costa com 1:200 emigrantes entre Casabianca e Masagran, encontrou no lugar do sinistro um rebocador inglez; o *Zackal*, que ainda não tinha procedido a nenhuma operação de salvação.

O commandante d'este rebocador não se envergonhou de declarar ao capitão francez que não ajudaria a salvar o *Abyssinia*, se não lhe pagassem a razão de 500 francos por dia.

O commandante do navio francez respondeu que daria mil, mas que era preciso começar o trabalho immediatamente.

A salvação realisou-se e o inglez metteu no bolso, sem a menor hesitação, os mil francos promettidos.

Um despacho d'Italia annuncia que o governo italiano recompensará dignamente o commandante e tripulação do paquete francez o *Vosges*.

Acha-se bastante adiantada a publicação dos «MISERAVEIS», de Victor Hugo, esplendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas, compradas ao editor parisiense Eugène Hugues.

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

A Bibliotheca do Cura d'Aldeia, que editou o interessante romance «OS PREDESTINADOS» acaba de ultimar o terceiro volume d'esta obra.

Preço de cada volume 500 reis.

Para os srs. assignantes 450 reis.

Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

O incançavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «SARGENTO-MÓR De VILLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dous volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 reis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despezas de porte do correio, que serão pagas à custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma explendida gravura executada expressamente na Allemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso— 4 e 6— PORTO.

Os «MILHÕES DO CRIMINOSO» são a ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

1.ª parte— O Incendiario.

2.ª parte— O grande industrial

3.ª parte— A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas côres, dos quaes o primeiro é o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 réis— 50 réis semanaes.

Brindes a cada assignante: 100$000 réis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua na Cruz de Pau, 26, 1.º Lisboa.

COMMUNICADOS

Sr. redactor.— Espero dever-lhe o obsequio de publicar no seu jornal a seguinte publicação:

OFFICINA DE CARPINTEIRO

= RUA DE ALFANDEGA =

(Baixos do hotel Cysne do Vouga

Executam-se todas as obras pertencentes á arte de carpinteria, taes como armações para lojas, carpinterias interiores e exteriores dos edificios, etc., etc.

Todos os pedidos a

Fernando Homem Christo

Dos nossos amigos srs. Mourão & Irmão acabamos de receber o seguinte:

JOSÉ EDUARDO MOURÃO & IRMÃO convidam os seus amigos e freguezes e Ex.mas freguezas o visitarem o seu estabelecimento de ourivesaria, na rua de José Estevam, onde encontrarão um variadissimo e mimoso sortido de objectos d'ouro e prata, proprios da estação e ultima novidade no paiz.

BIBLIOGRAPHIA

A Semana.— Saiu já o n.º 3 d'esta publicação — revista de sciencia, litteratura e artes, dirigida pelo nosso amigo Alberto Bessa.

Os pedidos d'assignatura devem ser dirigidos ao administrador José Francisco Gomes da Veiga, rua de Santa Catharina, 251.— Porto.

*

Os Miseraveis.— Saiu á luz e recebemos o 16.º fasciculo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, ao sr. Eduardo da Costa Santos, rua de Santo Ildefonso, 4 a 6 — Porto.

*

O Pastelleiro de Madrigal. — Recebemos o fasciculo n.º 8. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

*

Os milhões do criminoso. —Recebemos o fasciculo 4 d'este explendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26— Lisboa.

*

A Illustração Portugueza.— Recebemos o n.º 24 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

ANNUNCIOS

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A' venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; emplhavo, João C. Gomes. Deposito geral, Pharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se à venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

CAZA

ALUGA-SE uma, em bello local, com commodidades para duas familias.

Quem quizer, falle com a Viuva Fontes Pereira de Mello.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se trez vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA SEM RIVAL

Superior a quantas até hoje teem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE

C. C. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposição de Lisboa.

Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricantes.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO N'ESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,,

AVEIRO=75, Rua de Jesé Estevam, 79— AVEIRO

(Pegado á Caixa Economica)